

GLOBALIZAÇÃO: A REVOLUÇÃO DO FIM DO SÉCULO

Isani Diehl*

*"Para o sociólogo francês, Alain Touraine, 'todos participam do mercado mundial, mas, nos países ricos, 20% da população ficam de fora do processo econômico-cifra que atinge na América Latina, o patamar de 50% e eleva-se em determinadas regiões, sobretudo, na África a 80%. Uma tal realidade, de tão evidente, faz o tema da globalização parecer mais ideológico do que descritivo.' Significa dizer que para os países subdesenvolvidos trata-se da globalização da miséria. E para o antropólogo, Roberto da Matta, globalização é o novo nome do imperialismo." ***

Resumo. Este texto procura fazer uma análise sobre o novo processo de globalização da economia, hoje em curso, relacionando seus diferentes aspectos, seja no que diz respeito à questão histórica, conceitual, produtiva e financeira, bem como sua necessária interrelação com o contemporâneo fenômeno de alteração dos padrões competitivos das empresas e das nações.

Palavras-chave: Globalização. Capitalismo. Competitividade. Acumulação de Capital.

1. Introdução

O século XIX foi o século de domínio da Inglaterra. Esta liderança permanece até a Primeira Guerra Mundial (1914-1918). É um mundo denominado *unipolar*. Com a decadência do Império Britânico, surge uma

* Bacharel em Ciências Econômicas; Mestranda em Desenvolvimento Regional pela Universidade de Santa Cruz do Sul.

** "Globalização: o novo nome do imperialismo". Revista Mundo Jovem, outubro de 1995.

nova liderança mundial: os Estados Unidos. Porém, a partir de 1947, o poder mundial passa a ser repartido com a União Soviética, configurando um período *bipolar*, consubstanciado na denominada Guerra Fria e que vai durar até 1989, quando esfacela-se o bloco das 15 repúblicas que formam a União Soviética. Parece, neste momento, que os Estados Unidos, sozinhos, teriam em suas mãos o poder total do globo, tanto política, como militar e economicamente. Contudo, o crescimento econômico do Japão, Alemanha e da União Européia, sem esquecer da importância cada vez maior adquirida pelos chamados Tigres Asiáticos, mostra que o mundo, hoje, é *multipolar*.

A partir disso, pois, fala-se, cada vez mais, no estabelecimento de uma Nova Ordem Internacional nos campos da política, economia e produção. É a globalização. Concomitantemente, os países se organizam em blocos. É a regionalização.

Estas novas realidades se encaixam no quadro de uma nova organização do sistema capitalista, cujo objetivo primeiro é sempre acumular mais capital.

Neste sentido, dado que este fenômeno vem despertando considerável interesse, enquanto objeto de análise, discussões e embates teóricos e ideológicos, em diversos círculos acadêmicos, profissionais e políticos, vêm sendo feitos e é compreensível que existam várias referências para expressão e compreensão do que efetivamente se entende por globalização.

A caracterização desse fenômeno do mundo contemporâneo pode, pois, ser feita sob diversas óticas, uma vez que o processo de globalização, por sua própria natureza, afeta diversos aspectos das relações sociais, políticas e econômicas entre os atores sociais em embate.

Para o artigo em pauta, o objetivo central de estudo será trazer à baila alguns elementos que possam explicar o que se entende, nos meios acadêmicos, por globalização e qual sua interrelação com outros aspectos da vida econômica das nações.

Para isso, o artigo será dividido em quatro seções que contemplarão, em primeiro lugar, a exposição de alguns dos principais antecedentes históricos e peculiaridades de tal fenômeno; em segundo lugar, a controvérsia conceitual associada à compreensão do processo de globalização; em terceiro lugar, discute-se um dos aspectos principais do processo de globalização e que é a financeirização da economia mundial; e, por fim, em quarto lugar, procura-se traçar um paralelo entre este processo e o estabelecimento de novos padrões competitivos entre empresas e nações, enquanto estratégia de se inserir e concorrer neste suposto "admirável mundo novo".

2. Contextualização histórica

As crises que instabilizaram a economia mundial na década de 70 foram seguidas de dois movimentos de reafirmação da hegemonia norte-americana: um no que diz respeito à diplomacia do dólar e outro no que se refere ao plano estratégico militar. Estes movimentos levaram por modificar de forma muito profunda o funcionamento e a hierarquia da economia e da política a nível internacional, a partir da década de 80 (TAVARES, 1994). Do ponto de vista da economia surgem, como os mais importantes, os seguintes fatos: o processo denominado, especialmente pela mídia, de globalização (produtiva, de mercados e financeira); a aparição da economia japonesa e seu grupo de influência (os *NICs*¹ do sudeste da Ásia), como potência tecnológica, financeira e comercial de primeira grandeza; a transnacionalização² e integração econômica do espaço europeu aliada à própria transnacionalização do espaço econômico-nacional norte-americano.

Neste sentido, no que toca à constituição da globalização como o novo fenômeno mundial de reestruturação produtiva da economia mundial (economia-mundo como afirmam alguns), este processo deu-se enquanto alteração do padrão hegemônico anterior de valorização, acumulação e reprodução do capital ao nível da economia mundial.

Assim, o capitalismo tem suas forças revigoradas no século XX devido ao desenvolvimento do modo de produção material e espiritual que se alastrou a nível nacional e internacional. Esta tendência pode ser verificada a partir de seus primórdios até a época contemporânea. Em sua evolução, o modo de produção capitalista sempre esteve sujeito a oscilações cíclicas, crises e contradições, porém sempre se generalizando e se recriando de forma global. Compreende, toda esta dinâmica, um conjunto de relações, processos e estruturas regionais, nacionais e mundiais, envolvendo indivíduos, coletividades, grupos e classes sociais, etnias e minorias, nações e continentes.

O início, pois, desta longa história pode ser demarcado quando o modo de produção capitalista expande-se continuamente pela geografia e história das nações e continentes, atravessando mares e oceanos. Desde as grandes navegações iniciadas no século XV, até o presente, em fins do século XX.

¹ NIC's: New Industrialization Country's.

² Por transnacionalização econômica, enquanto processo de mundialização dos mercados, pode se entender, conforme TAVARES (1993, p. 47), como "a produção manufatureira para o consumo de massa em escala mundial."

Assim, se no século XVIII foi a máquina a vapor, neste fim de século XX, o motor da nova revolução é a tecnologia, o aperfeiçoamento dos transportes e das comunicações. A tecnologia sempre se alterou, contudo nunca tão depressa. Jamais, como hoje, foi possível deslocar artigos de um lugar para outro numa quantidade tão grande e numa velocidade tão espantosa.

Dentro desta perspectiva, “pode-se dizer que o Novo Mundo, a África e a Oceania que conhecemos são invenção do capitalismo, reconhecido como um processo civilizatório mundial.” (IANNI, 1993, p. 54)

Em realidade, pode-se constatar que o “entrelaçamento econômico das paróquias” é um processo que começou na Pré-história, mas sempre progrediu em marcha lenta. Neste momento, está na velocidade da luz. Essa é a diferença fundamental. Ao lado de seu tremendo potencial para criar soluções e riquezas num ritmo alucinante, pode causar graves defecções. Quando a máquina a vapor entrou em cena, na virada do século XVIII para o XIX, ela também provocou um choque de aceleração produtiva. Passou a movimentar os teares - e um “turbilhão de braços humanos” perdeu sua função e seu emprego. Perplexos, assustados, trabalhadores chegaram a invadir fábricas para destruir as máquinas que os deixavam sem seu trabalho³.

Até a Segunda Guerra Mundial, todavia, os processos de produção tinham uma base essencialmente local ou nacional, utilizando, eventualmente, a importação de matérias-primas do exterior. Contudo, a partir do pós-guerra, já sob a batuta da economia norte-americana, a humanidade passou a assistir a um forte processo de integração de sistemas produtivos mundiais. No ocidente, as empresas multinacionais articularam um complexo sistema de produção a partir de diferentes partes do globo, realizando um gigantesco movimento de capital a nível internacional e expandindo os serviços e o mercado de capitais financeiros. Na Europa, o Mercado Comum Europeu começa a se articular comercialmente e, depois, agrícola e industrialmente, iniciando a caminhada rumo a uma efetiva integração de serviços, monetária e financeira.

Segundo IANNI (1993), um dos momentos históricos relevantes de todo este processo se dá na medida em que

“... a mesma dinâmica do capitalismo cria e recria as forças produtivas e as relações de produção, tanto nas colônias, nos países dependentes e associados,

³ Movimento conhecido historicamente como *maquinismo*.

como nos próprios países dominantes, metropolitanos ou imperialistas. As formas de organização social da produção, traduzindo ciência em tecnologia, provocando o aumento da composição orgânica do capital, sofisticando a divisão do trabalho social e a especialização da força do trabalho, robotizando e informatizando organizações e atividades econômicas, sociais, políticas e culturais, tudo isso expressa o dinamismo do capital, o desenvolvimento intensivo do capitalismo.” (IANNI, 1993, p. 54)

Ainda, IANNI traça um terceiro momento que se daria quando o

“desenvolvimento intensivo e extensivo do capitalismo, em escala mundial, implica a simultânea concentração e centralização do capital, também em escala mundial. A reinversão continuada dos ganhos, lucros ou mais-valia, é algo inerente à dinâmica do capital, assim como a continuada absorção e reabsorção de capitais menores ou mesmo semelhantes pelos capitais mais dinâmicos, situados em condições privilegiadas de produção. Em outros termos, o modo de produção capitalista de produção envolve a reprodução ampliada do capital em escala cada vez mais ampla, simultaneamente nacional, continental e global.” (IANNI, 1993, p. 55)

Neste sentido, o mesmo autor afirma que “a rigor, a história do capitalismo pode ser vista como a história da mundialização, da globalização do mundo” (IANNI, 1993, p. 55), através de um processo histórico de longa duração, com ciclos de expansão e retração, ruptura e reorientação. Também, como um sistema vivo e em constante expansão, que existe há cerca de 500 anos e que, hoje, adquire dimensões e contornos globais.

3. Uma controvérsia conceitual

Um dos desafios que se impõe para se trabalhar com a idéia de globalização é a variedade de significados que têm sido atribuídos a um mesmo fenômeno. Isto explicado, talvez, porque este seja um processo de mudanças várias e que se faz sentir em diferenciadas áreas. Estas áreas são descritas por

BAUMANN (1996) como *financeira, comercial, produtiva, institucional e política econômica*.

Inicialmente, no *âmbito financeiro*, este processo se faz sentir quando: a) ocorre um aumento do volume de recursos financeiros; b) dá-se um aumento da velocidade de circulação destes recursos; c) quando dos dois pontos (a e b) anteriores houver a interação desses efeitos sobre as diversas economias mundiais.

Já, no *âmbito comercial*, este processo se faz sentir quando: a) existe uma semelhança crescente das estruturas de demanda das economias; b) passa a ocorrer uma crescente homogeneidade da estrutura de oferta nos diversos países do sistema capitalista. Por essa, é possibilitada a apropriação de ganhos de escala, a uniformização das técnicas produtivas e administrativas, além da redução do ciclo do produto que, por sua vez, possibilita a mudança no eixo focal da competição (abandona-se a concorrência em termos de produtos e parte-se para a competição baseada em novas tecnologias de processos).

No tocante à perspectiva do *setor produtivo*, constata-se uma convergência das características do processo produtivo nas diversas economias, na medida em que se observam inúmeras semelhanças no tipo de técnicas produtivas adotadas, nas estratégias administrativas utilizadas, nos métodos de organização do processo produtivo estabelecidos, etc.).

Contudo, conforme BAUMANN (1996), não existe um consenso em relação à estrutura produtiva, no que diz respeito aos efeitos da globalização pois, se por um lado, para alguns autores a globalização influi na consolidação dos oligopólios mundiais, para outros este processo pode ser atribuído a uma tendência de concentração por empresas.

Neste sentido, BAUMANN (1996, p. 35) afirma:

"Em OCDE (1992) e UNCTAD (1994), a globalização é definida a partir do processo produtivo. Uma fração crescente do valor produzido decorre de estruturas de oferta interligadas em nível mundial, envolvendo um uso crescente de acordos cooperativos entre empresas, como um instrumento para facilitar a entrada em mercados específicos, ampliar o acesso a tecnologias, e compartilhar riscos e custos financeiros. Em tal contexto, as empresas transnacionais - núcleos dessas estruturas de oferta - são aquelas em melhores

condições para apropriar-se das vantagens dessas cadeias de valor adicionado."

Afirma-se, assim, a predominância de umas poucas empresas dominantes no processo de globalização.

Por outro lado, do ponto de vista *institucional*, o processo de globalização da economia leva a semelhanças crescentes em termos de configuração dos diversos sistemas nacionais e a uma convergência dos requisitos de regulação em diversas áreas, provocando uma maior homogeneidade entre países.

A respeito, BAUMANN explica o seguinte:

"É interessante observar, por exemplo, a evolução recente na política industrial dos modelos norte-americano e japonês. Os Estados Unidos foram tradicionalmente a referência de liberalismo comercial e não-intervenção do setor público, enquanto a atuação do MITI e outras agências japonesas eram exemplos freqüentemente citados no sentido oposto. Nos últimos anos, o que se observa é um crescente grau de comércio administrado e uma preocupação com competitividade industrial nos Estados Unidos, com um grau de abertura maior do que antes, na economia japonesa. Outro indicador de homogeneidade é encontrado, por exemplo, tanto em países europeus quanto em economias em desenvolvimento. Ambos grupos de países manifestam preocupação explícita quanto à necessidade, por exemplo, de dispor de centros de difusão de tecnologias como condição necessária à competitividade, assim como de aparatos reguladores da concorrência e da preservação do meio ambiente." (BAUMANN, 1996, p. 36)

Fazendo com que, ao mesmo tempo reduza-se a probabilidade de sobrevivência de esquemas cooperativos entre países (como se observou no passado), as modalidades jurídicas entre empresas e os Estados Nacionais tende a ser cada vez mais uniformes e, segundo BAUMANN, surge no cenário internacional, um conjunto de atores com grande capacidade de influência, em comparação com o poder das nações.

Por fim, no que tange à *política econômica*, conforme BAUMANN, a

globalização implica perda de diversos atributos de soberania econômica e política por parte de um número crescente de países, incluídos aí tanto os países “em desenvolvimento” quanto os países membros da OCDE.

4. Globalização e financeirização do mundo

Uma outra importante característica do processo de globalização, hoje em andamento na economia mundial, é que este se dá no contexto de uma nova dinâmica de financeirização das economias capitalistas centrais.

Este estágio da economia mundial mostra que uma fração crescente da riqueza é produzida e distribuída via um sistema de “redes privadas interligadas” a partir das quais grandes firmas de caráter multinacional atuam através de estruturas de oferta concentrada, determinando com que elas obtenham vantagens completas deste processo de financeirização, do qual são o centro.

Esta onda de financeirização global está umbilicalmente ligada à crise do padrão monetário internacional (ouro-dólar) onde, na década de 80, ocorreu um enorme agravamento da crise financeira americana, tendo como resultado imediato e direto a chamada “diplomacia do dólar” e os processos de liberalização e desregulação financeira dos governos Reagan (EUA) e Thatcher (Inglaterra).

Com isso, afirma TAVARES (1994, p. 4), “o regime de flutuação cambial e liberalização financeira que prevaleceu depois da ruptura do padrão monetário internacional, depois de 1980/83, forçou a globalização dos bancos e das ET’s (empresas transnacionais).”

Dentro, e por causa, deste processo o Japão passa a adquirir importância mundial, na medida em que as ET’s japonesas foram as responsáveis por mais da metade do investimento direto estrangeiro global, determinando que os bancos japoneses deslocassem os bancos americanos da hegemonia deste setor (TAVARES, 1994, p. 5).

Assim, podemos descrever este processo como sendo o momento culminante da crise da *Ordem Monetária e Financeira Internacional*, do fim das *Regras do Acordo de Bretton Woods* anteriormente realizado sob a hegemonia norte-americana e sua moeda, o dólar, como moeda internacional, e que surge como a ponta de lança mais geral do processo de globalização, na medida em que é a dimensão financeira quem dita o ritmo da economia.

Conforme CORAZZA (1996, p. 4), as principais características desse processo de financeirização da economia podem ser resumidas nas abaixo

relacionadas:

- ♦ financeirização da economia: crescimento e generalização das atividades financeiras entre 1950 e 1990, determinando que a participação da renda gerada no setor financeiro da economia saltasse de 4,1% do PIB, para mais de 8,9% do PIB na OCDE;
- ♦ desintermediação financeira: diluição das barreiras funcionais entre atividades bancárias e outras de intermediação (formação do banco universal ou banco múltiplo), bem como da perda do monopólio de intermediação pelos bancos na medida que os departamentos financeiros das empresas também operam como verdadeiros bancos;
- ♦ inovações financeiras: os bancos deixam de ser meros intermediários financeiros, dependentes dos depósitos e das reservas para emprestar pois, eles primeiro criam crédito praticamente sem limites e depois é que procuram reservas para lastrear seus empréstimos, a partir da criação de novos instrumentos e de novos produtos financeiros objetivando, por um lado, lucrar mais e, por outro, fugir do controle dos bancos centrais;
- ♦ novos atores financeiros: seguradoras e fundos de pensão, adquirindo crescente importância a chamada poupança institucional¹;
- ♦ instabilidade financeira e risco sistêmico: desde o fim de Bretton Woods e dominado pela globalização, o sistema financeiro, especialmente os bancos, têm vivido uma permanente ameaça de crise².

Com isso, portanto, acelera-se a modernização “fundada nas ilusões de que as economias se ajustarão naturalmente a um mundo de taxas flutuantes e de enormes massas de capital que circulam pelo planeta à revelia dos bancos centrais” (LESSA, apud BECKER, 1994, p. 2). Nesse sentido, TAVARES (1993) alinha este processo de “*Modernização Conservadora*”³.

¹ Nos Estados Unidos, segundo Corazza (1996, p. 5), “os fundos de pensão e os fundos mútuos que, em 1950 detinham 9,8% dos ativos financeiros, passaram para 50,6% no início da década de 1990.”

² Os primeiros bancos a entrar em crise foram os americanos (Ilinois, S&L e Barings), após sucederam-se crises financeiras de grandes proporções na Inglaterra, Itália (Banco de Napoli), Escandinávia, etc. (CORAZZA, 1996, p. 5).

³ Esta “modernização” é “conservadora” porque, segundo TAVARES (1993), passa a ocorrer uma modernização baseada em a) caráter restrito e concentrado das mudanças tecnológicas, b) distribuição desigual de custos e c) concentração dos benefícios, uma vez que os trabalhadores serão aliados do processo, fundamentalmente com o desmonte do Welfare State, base do sistema prevalecente anteriormente e de garantia de participação nos fundos do desenvolvimento para a classe trabalhadora, fazendo com que passe a ocorrer uma distribuição desequilibrada dos benefícios advindos do progresso técnico.

Assim, só resta chegar a um caminho, segundo BECKER, no seguinte sentido:

"A crescente transnacionalização dos espaços econômicos nacionais. Assim, rompem-se devagar e decididamente os limites fronteiriços ao capital financeiro, o qual passa a ter o mundo enquanto espaço para sua valorização. Isto quer dizer, o capital financeiro, em geral abre espaço para sua valorização mundial. Torna-se, em última instância 'cidadão do mundo'." (BECKER, 1994, p. 2)

Ainda, a esse respeito, afirma o próprio BECKER:

"O livre de fronteiras só é possível com o livre para a valorização sem fronteiras por que ocorreu o desenvolvimento descontrolado do sistema financeiro privado internacional. Dessa forma, o sistema financeiro privado livra-se dos controles dos bancos centrais nacionais. A relativa liberdade do sistema financeiro agrava e acentua a instabilidade do sistema global gerando crises financeiras e desequilíbrios crônicos em muitos dos Estados nacionais. Entre muitos, o Brasil é o exemplo mais próximo. A instabilidade decorre da excessiva supremacia do capital bancário internacional (e nacional no caso do Brasil) e sua extrema volatilidade." (BECKER, 1994, p. 2)

Com isso, dentro deste contexto de espaços nacionais transnacionalizados, desenham-se novos macromercados enquanto "mediação temporal", enquanto "fase intermediária entre os mercados nacionais e o mercado mundial" (BECKER, 1994, p. 3).

Em suma, pode-se reter que, ao mesmo tempo que a consecução do processo de transnacionalização do espaço econômico mundial tornou-se inquestionável, a internacionalização financeira, por seu turno, erige-se como uma realidade incontestável, na medida em que o capital financeiro adquire mobilidade e fluidez necessários à "metamorfose de sua base real e produtiva, à sua forma de ativos financeiros, cuja valorização, muitas vezes, independe da base real" (BECKER, 1994, p. 15).

5. Globalização e competitividade

Dentre as várias transformações em ocorrência ao longo do processo de globalização da economia mundial, pode-se destacar que o mercado mundial não está apenas mais internacionalizado com a expansão geográfica da atividade econômica cruzando as fronteiras nacionais, mas também está cada vez mais globalizado com uma crescente harmonização econômica e institucional.

A respeito, NAKANO (1994, p. 8) afirma o seguinte:

"A indústria, a produção, a empresa e a fábrica estão deixando de ser fenômenos nacionais e passam a ser fortemente integrados e coordenados globalmente. As fronteiras nacionais e o Estado-nação perdem sua importância econômica e os conceitos de soberania nacional estão sendo redefinidos."

O mesmo afirma BECKER (1995), no sentido de que há um processo emergente de completa ruptura e mudança com o passado, no que diz respeito às estruturas produtivas e financeiras da economia mundial. Ocorrem, concomitantemente, inovações (novas tecnologias) no processo de trabalho e na organização deste, bem como no atinente à organização do processo de produção.

Estas transformações, enquanto reestruturação econômica das nações e das empresas, devem ser entendidas como uma tentativa de racionalização dos recursos, tendo em vista as melhorias necessárias à criação de novos padrões de competitividade destas.

É a partir da metade dos anos 70 e com força crescente na década de 80, que a mudança tecnológica se acelera e transforma as estruturas industriais, sob o impacto da veloz difusão das tecnologias de informação, baseadas na microeletrônica. A respeito afirmam COUTINHO & FERRAZ (1994, p. 68):

"O aprofundamento da desregulamentação financeira e o simultâneo desenvolvimento de redes telemáticas mundiais integram os mercados financeiros e de capitais - diluem-se as fronteiras entre os diversos sistemas financeiros nacionais e o euromercado, na direção de uma verdadeira globalização das finanças. A emergência de um novo paradigma tecnológico e a globalização financeira são os traços mais marcantes

dos últimos 15 anos.”

Assim, também conforme NAKANO,

“... a revolução tecnológica/organizacional e a globalização são as duas forças motoras que estruturam as transformações e definem as tendências marcantes no novo cenário de desenvolvimento econômico das nações na próxima década. (...) As mudanças tecnológicas e organizacionais estão criando também novos padrões de comércio mundial, deslocando cada vez mais os determinantes da localização da produção e a direção das exportações da vantagem comparativa tradicional e fatores sistêmicos para características organizacionais e estratégicas das empresas multinacionais.” (NAKANO, 1994, p. 8)

Isto fez com que o processo produtivo adquirisse uma racionalidade distinta, segundo BAUMANN, “na medida em que diversas unidades nacionais passam a ser componentes da mesma estrutura integrada de geração de valor, ao tempo que aumenta a fluidez de transmissão de normas, valores e rotinas operativas, condição necessária para a crescente homogeneização produtiva” (1996, p. 44).

E, por outro lado, a empresa procura a maximização de benefícios a partir da busca da melhor localização de suas atividades a nível mundial, associada à padronização dos produtos e ao desenvolvimento de novas vantagens competitivas. Já, por seu turno, as estratégias globais “levam à procura da redução de custos, à especialização das linhas de produção, estabilidade e controle de qualidade crescente na oferta, o que leva à crescente eficiência e maior grau de competitividade” (ALBAVERA, 1994⁷, apud BAUMANN, 1996, p. 44). Sendo que, com uma economia global, grande parte das ações e decisões relativas ao processo de produção e distribuição ficam atinentes ao interior das empresas globais, não havendo dependência (vínculos) com empresas nacionais. E também, a nível de estrutura decisória as posições são tomadas a partir das estratégias das empresas, estando estas cada vez menos sujeitas às determinações das políticas nacionais e, por essa via, encurtando o ciclo do produto.

⁷ ALBAVERA, Fernando S. “Las Reformas mineras y los desafíos de la globalización”. Santiago, Chile, 1994, (I.C/R, 1464).

Assim, pode-se verificar a existência de uma “transição da competição em termos de produto para um cenário de competição em termos de tecnologia de processo, crescentes custos em pesquisa e desenvolvimento de produtos e formação de alianças estratégicas entre firmas competidoras” (BAUMANN, 1996, p. 45).

Ainda, no tocante a isto, BAUMANN coloca o seguinte:

“As estratégias empresariais são, por sua vez, crescentemente definidas a partir da identificação das demandas dos consumidores (em lugar da produção maciça de bens estocáveis), a competição é crescentemente baseada em vantagens competitivas construídas (em lugar de a decisão de investir ser função da disponibilidade de recursos) e os custos do processo produtivo e da cadeia de distribuição passam a ter um papel cada vez mais determinante das estratégias empresariais que os custos de fatores.”

Em suma, ao se analisar tais elementos acima esboçados, pode-se, na linha de BECKER (1996, p. 2), caracterizar *competitividade* como uma “imposição do processo geral de transformações conformado pelo processo de globalização econômica (produtiva, financeira, mercado)” enquanto verdadeira “produção do mundo”, que compreende um sistema mundial de produção totalmente integrada, através de convênios, parcerias, consórcios, etc., estreitando cada vez mais os laços comuns às esferas empresariais capitalistas no cenário mundial.

6. Considerações finais

O fenômeno da globalização, como se pode verificar ao longo do breve estudo levado a cabo, é um fenômeno acima de tudo complexo, de difícil entendimento e esclarecimento. Uma das conclusões, talvez unânime sobre tal problemática, diz respeito ao fato de a globalização representar um nova fase por que passa o sistema capitalista mundial, e que envolve diferenciados aspectos, sejam produtivos, monetários, financeiros, patrimoniais, tecnológicos, culturais e, por que não dizer, até ambientais, que passarão a influir decisivamente na nova ordem que aos poucos se afirma.

Através disto, então, erigem-se novas instituições, agências, organizações, empresas, corporações e conglomerados públicos e privados e que dispõem de

objetivos e meios, recursos e interpretações, para induzir e atuar sobre e além dos governos e fronteiras nacionais.

Será, portanto, através destes novos "atores" que a humanidade poderá (ou não) caminhar para um efetivo processo de unificação, equalização de interesses em choque e de luta de classes no plano global.

Para tanto, os países, especialmente os subdesenvolvidos, que não forem capazes de adotar e implementar reformas econômicas, institucionais e legais para, utilizando um jargão popular, "pegar o bonde andando", poderão ficar à margem do processo e mais uma vez "ver o bonde da história passar lotado".

Contudo, deve-se ter presente que, apesar da necessidade de que o acima exposto se efetive, a distância entre o centro (países ricos) e a periferia (países subdesenvolvidos e pobres) tende a crescer. Esta é, histórica e inexoravelmente, a marca da marcha do capitalismo, das origens até nossos dias.

Por isso fica aqui a profecia pessimista de SILVA⁸, no sentido de que as mesmas políticas internacionais que uniformizam mecanismos de produção para obter maior produtividade, podem levar a resultados bons para o capital, por um lado, mas catastróficos para o trabalho, por outro. Assim, segundo ele, deve-se reter que, "quando a globalização é usada para melhorar a vida das pessoas descobrindo um remédio, por exemplo, ela é positiva. Mas a tendência é de que se desconsidere o ser humano, aumentando o desemprego. Os que estão empregados têm de estar integrados com os avanços tecnológicos".

Em verdade, isto não passa de uma outra forma de se afirmar que a globalização, *acima e por cima de todas as outras instâncias da vida*, é o aprofundamento e o ponto de culminância do *primado do econômico*.

⁸ SILVA, Vicente Paulo da Silva. Revista VEJA, 3 de abril de 1996.

BIBLIOGRAFIA

- BAUMANN, Renato. Uma visão econômica da globalização. In: BAUMANN, Renato (org.), *O Brasil e a economia global*, 1996. p. 33-51.
- BECKER, Dinizar Fermiano. *Desenvolvimento participante-criativo: uma primeira aproximação exploratória do tema*. Lajeado: Fundação Alto Taquari de Ensino Superior - FATES, 1994. (mimeo).
- _____. *Competitividade: um novo padrão de desenvolvimento regional*. Lajeado, Faculdade de Ciências Econômicas do Alto Taquari - FACEAT, 1995. 43 p. (mimeo)
- _____. *Globalização x regionalização*. 1996. (Inédito) (mimeo).
- CORAZZA, Gentil. *Globalização financeira*. 1996, (mimeo).
- COUTINHO, Luciano & FERRAZ, João Carlos. *Estudo da competitividade da indústria brasileira*. 2. ed. São Paulo: Papirus; Campinas: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1994. 510 p.
- DIEHL, Isani & VARGAS, Paulo Rogério. *Paradoxo da globalização: da pressuposição do fim do Estado-nação à realidade do retorno do Estado*. 1996. (Inédito).
- FERRAZ, João Carlos et alii. *Made in Brasil: desafios competitivos para a indústria*. Rio de Janeiro: Campus, 1996. 386 p.
- IANNI, Octávio. *A sociedade global*. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1993.
- NAKANO, Yoshiaki. "Globalização, competitividade e novas regras de comércio mundial". *Revista de Economia Política*, v. 14, n.º 4 (56), out-dez/1994. p. 07-30.
- Revista VEJA. "A Roda". Seção "Economia & Negócios", abril de 1996. p. 80-91.
- SANTOS, Theotônio dos (s. d.). *Globalização e regionalização na economia mundial*. (mimeo).

